



O PENSAMENTO VIVO DO VELHO MARX¹

El pensamiento vivo del viejo Marx

The living thought of the old Marx

Entrevistado

MUSTO, Marcello²

Entrevistadores

GODIN, Romaric³

GUIMARÃES, Juarez⁴

RESUMO

Entrevista de Romaric Godin e Juarez Guimarães com Marcello Musto, autor de “Os últimos anos de Karl Marx” (Les Dernières Années de Karl Marx: une biographie intellectuelle 1881-1883), uma biografia intelectual do velho Marx, entre 1881 e 1883, que permite redescobrir um pensador em constante movimento, mais aberto à diversidade do mundo do que se poderia imaginar.

Palavras-chave: Karl Marx. Marcello Musto. Intelectuais.

RESUMEN

Entrevista de Romaric Godin a Marcello Musto, autor de “Los últimos años de Karl Marx” (Les Dernières Années de Karl Marx: une biographie intellectuelle 1881-1883), una biografía intelectual del viejo Marx, entre 1881 y 1883, que permite redescubrir a un pensador en constante movimiento, más abierto a la diversidad del mundo de lo que se podría creer.

Palabras clave: Karl Marx. Marcello Musto. Intelectuales.

ABSTRACT

Interview by Romaric Godin with Marcello Musto, author of “The Last Years of Karl Marx” (Les Dernières Années de Karl Marx: une biographie intellectuelle 1881-1883), an intellectual biography of the old Marx, between 1881 and 1883, that allows us to rediscover a thinker in constant motion, more open to the world's diversity than one might have believed.

Keywords: Karl Marx. Marcello Musto. Intellectuals.

¹ Texto publicado: GODIN, Romaric. *El pensamiento vivo del viejo Marx: entrevista a Marcello Musto. Sin Permiso*, 2023. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/el-pensamiento-vivo-del-viejo-marx>. Acesso em: 18 de março de 2025. A esta entrevista, Juarez Guimarães acrescentou algumas outras questões relacionadas, que foram respondidas por Marcello Musto.

² Professor titular de Sociologia na York University (Toronto). Seus escritos foram traduzidos para vinte e cinco idiomas e estão disponíveis em www.marcellomusto.org. Sua última monografia em espanhol é *Karl Marx, 1881-1883. A última viagem do Moro* (Siglo XXI, 2020).

³ Jornalista do Mediapart. Publicou, entre outros, *La monnaie pour a-t-elle changer le monde Vers une économie écologique et solidaire*, e *La guerre sociale en France. Aux sources économiques de la démocratie autoritaire, La Découverte*.

⁴ Professor titular de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autor de “Democracia e marxismo: crítica à razão liberal” (São Paulo, Editora Xamã, 1998). E-mail: juarezrg15@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Professor de sociologia na York University, em Toronto, no Canadá, **Marcello Musto** é um dos pesquisadores mais importantes nos estudos contemporâneos sobre Marx. Este italiano de 47 anos tem se dedicado há anos à pesquisa sobre os últimos anos do pensador de Tréveris, com um estudo sistemático e aprofundado dos escritos publicados na edição completa em alemão que ainda está em andamento, a famosa “**MEGA**” (*Marx-Engels Gesamtausgabe*, obras completas de Marx e Engels publicadas em Berlim).

A **MEGA** publicou os textos de cadernos e esboços escritos entre 1875 e 1883, primeiro em 1985 e mais tarde em 1999, bem como diversos textos de leituras sobre várias ciências naturais, como biologia, mineralogia e agronomia, em 2011. No entanto, esses textos foram amplamente ignorados pelos pesquisadores marxistas.

Para **Marcello Musto**, esses escritos revelam um Marx em constante atividade intelectual, que corrige, modifica, esclarece e desenvolve suas ideias à luz de novos conceitos, novos interesses e da evolução da história. Essa realidade permite retratar um Marx finalmente mais histórico do que o que conhecíamos — ou seja, mais marxista —, mas também um Marx mais aberto e complexo do que a imagem difundida pela narrativa oficial construída anos após sua morte.

Em um livro publicado pela primeira vez em inglês em 2020 (traduzido sob o título “*O velho Marx. Uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*” pela Boitempo Editora, 2018), **Marcello Musto** narra os dois últimos anos da vida do pensador. Uma vida dividida entre dramas familiares, saúde frágil, viagens e estudos intensos que o levaram a preencher dezenas de páginas de cadernos.

O Marx descrito aqui está longe da imagem que o Ocidente herdou ao longo da história do movimento comunista. Ele é um homem em constante ebulação intelectual, que reflete sobre a contribuição das culturas extraeuropeias, o surgimento do poder americano e as questões ecológicas, entre outras.

Marcello Musto escreveu uma biografia intelectual mais ampla de Marx (*Karl Marx: Biografia intelectual e política (1857-1883)*, Expressão Popular, 2023), e uma introdução aos textos da Primeira Internacional (Trabalhadores Uni-vos! Antologia Política da I Internacional, Boitempo Editorial/ Editora Fundação Perseu Abramo, 2014). Em 2023, foi editado no Brasil o livro organizado por ele, “*O Renascimento de Marx. Principais conceitos e novas interpretações*” (pela Editora Autonomia Literária), que reúne ensaios de 22 dos mais importantes marxistas contemporâneos que relêm e atualizam as contribuições de Marx para pensar o século XXI. E, no ano passado, organizou os três volumes de “*O essencial de Marx e Engels*” (Editora Boitempo), os quais contêm ensaios de intelectuais brasileiros, além de uma ampla antologia, com muitos textos inéditos em português. Seu trabalho abriu caminho para outras reflexões, como as do japonês Kohei Saito, e constitui um dos eixos da atual redescoberta de Marx.

Entrevistador: Durante décadas, o debate no pensamento marxista se concentrou no “jovem Marx”, e os últimos anos de Karl Marx foram amplamente esquecidos, mesmo após a publicação dos novos volumes da **MEGA**. Como você explica isso?

Marcello Musto: Durante muito tempo, muitos pesquisadores destacaram os escritos do chamado “jovem Marx”. Como a Segunda Guerra Mundial gerou um profundo sentimento de angústia resultante das atrocidades do nazismo e do fascismo, o tema da condição do indivíduo na sociedade ganhou grande importância, e o interesse filosófico por Marx começou a crescer em toda a Europa. Esse fenômeno foi particularmente forte na França, onde o estudo

dos primeiros escritos de Marx (especialmente os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* e *A Ideologia Alemã*) foi amplamente difundido. Henri Lefebvre afirmou que essa assimilação foi “o acontecimento filosófico decisivo da época”. Nesse processo bastante diverso, que se estendeu até a década de 1960, muitos autores de diferentes origens culturais e políticas tentaram construir uma síntese filosófica entre marxismo, hegelianismo, existencialismo e pensamento cristão.

Esse debate resultou, em alguns casos, em escritos de baixa qualidade, que distorceram os textos de Marx para alinhá-los às convicções políticas dos envolvidos. Raymond Aron ridicularizou justamente a fascinação de alguns autores pela obscuridade, pelo caráter inacabado e, às vezes, contraditório desses primeiros escritos. Esses textos contêm muitas ideias que seriam posteriormente aprimoradas ou até mesmo superadas na obra posterior de Marx. No entanto, é sobretudo em *O Capital* e em seus rascunhos preliminares, bem como em suas pesquisas dos últimos anos, que estão algumas das reflexões mais relevantes para a crítica do modo de produção capitalista nos dias de hoje.

Por muito tempo, foi ignorada a existência de manuscritos que reuniam as pesquisas dos últimos anos de vida de Marx, especialmente aquelas realizadas no início da década de 1880, e isso impediu o reconhecimento dos importantes avanços que ele fez nesse período. É por isso que todos os seus biógrafos dedicaram tão poucas páginas à sua atividade após o fracasso da Primeira Internacional (a Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT) em 1872. Pensaram, erroneamente, que Marx havia abandonado a ideia de completar sua obra e não examinaram os arquivos para verificar o que ele realmente fez nesse período (embora a existência desses textos fosse evidente por meio de sua correspondência).

Além disso, a maioria desses materiais é difícil de compreender. São principalmente esboços de ideias incluídos em cadernos que Marx preencheu com trechos de livros que estava lendo e com reflexões inspiradas por essas leituras.

Mas se há algumas justificativas para essas escolhas no passado, os novos materiais disponíveis na MEGA hoje, e o crescente volume de literatura secundária sobre o “Marx tardio” desde a década de 1970, deveriam ter revertido essa tendência. No entanto, a extensa biografia de Gareth Stedman Jones, *Karl Marx: Greatness and Illusion* (Penguin, 2016), que examina todo o período de 1872-1883 como um breve epílogo, dedicando três capítulos e 150 páginas ao período de 1845-49, é apenas um exemplo de pesquisa inadequada. Sem falar no deplorável livro de Jonathan Sperber, *Karl Marx: Uma vida do Século XIX* (traduzido para o português pela Amaris Editora em 2014), que simplesmente ignora os últimos textos de Marx.

Entrevistador: *Com que objetivo você realizou essa pesquisa sobre o fim da vida de Marx?*

Marcello Musto: Uma das principais razões para minha pesquisa é me opor às más interpretações de Marx, como um autor eurocêntrico, economicista e que reduziria tudo às oposições de classes — interpretações que estão na moda hoje. Não é preciso dizer que aqueles que defendem essa tese nunca leram Marx ou ainda estão apegados às interpretações mecanicistas que prevaleciam nos manuais marxistas-leninistas que leram na juventude.

Marx realizou extensas pesquisas sobre as sociedades não europeias e sempre se manifestou inequivocamente contra os estragos do colonialismo. Essas considerações são absolutamente evidentes para qualquer pessoa que tenha lido Marx, apesar do ceticismo de certos círculos acadêmicos que o descrevem como um estrangeiro ao pensamento decolonial e o associam a um pensador liberal. Por exemplo, quando Marx escreveu sobre a dominação britânica na Índia (depois dos escritos jornalísticos da década de 1850, ele voltou ao tema em 1881),

afirmou que os colonizadores ingleses só haviam sido capazes de “destruir a agricultura indígena e duplicar o número e a intensidade das fomes”.

Nos seus últimos anos, Marx acreditava que o desenvolvimento do capitalismo em todos os lugares não era uma condição para a revolução: ela também poderia começar fora da Europa. A “ductilidade” [capacidade de se adaptar sem quebrar – ed.] teórica de Marx é muito diferente das posições de alguns de seus discípulos e contribui para a nova onda de interesse por suas teorias, desde o Brasil até a Ásia.

Entrevistador: *A impressão que temos ao ler seus textos é a de um intenso trabalho intelectual durante esse período. Mas isso não resultou nem na publicação nem na redação do segundo livro de *O Capital*. Como explicar essa incapacidade de Marx em finalizar sua obra?*

Marcello Musto: A constante má saúde de Marx, somada às suas preocupações cotidianas, teve um papel significativo na sua incapacidade de finalizar parte da pesquisa realizada durante seus últimos anos. Mas também é importante destacar que seu rigoroso método e sua autocrítica implacável aumentaram as dificuldades para concluir muito do que havia empreendido.

Isso já ocorria quando ele era mais jovem, quando deixou muitos de seus manuscritos inacabados, e voltou a se repetir no final de sua vida. Sua paixão pelo conhecimento permaneceu intacta ao longo do tempo e sempre o levou a novos estudos. Por essa razão, no final da década de 1870, ele iniciou uma nova pesquisa sobre bancos e comércio e, até o início de 1881, escreveu novas versões de diferentes partes do volume 2 de *O Capital*, especialmente com relação a um estudo que havia feito considerando que as representações monetárias eram apenas uma simples cobertura do conteúdo real das relações monetárias.

Um exemplo semelhante são os estudos que ele realizou sobre agronomia, geologia e propriedade da terra na Rússia e nos Estados Unidos. Ele os realizou para reescrever completamente a seção sobre a renda da terra no volume 3 de *O Capital*, já que Marx não estava satisfeito com o que havia escrito anteriormente. Finalmente, outras dificuldades acompanharam o trabalho de revisão do volume I, como demonstra o tempo que Marx levou para revisar a tradução francesa de Joseph Roy, publicada entre 1872 e 1875.

Além de seus estudos específicos, um grande obstáculo para a conclusão de *O Capital* foi o fato de que Marx aprofundou seu conhecimento sobre o desenvolvimento econômico da Rússia e dos Estados Unidos. Isso exigiu um esforço considerável, o que tornou seu objetivo ainda mais difícil de alcançar. A partir de 1878, Marx estudou os relatórios do Escritório de Estatísticas de Ohio e, pouco depois, voltou sua atenção para a Pensilvânia e Massachusetts. Ele planejava acompanhar as dinâmicas do modo de produção capitalista em uma escala mais global nos volumes de *O Capital* que ainda estavam por escrever. Se a Inglaterra foi o cenário principal do volume I, os Estados Unidos poderiam ter representado um novo campo de observação que lhe permitiria ampliar seu trabalho.

Ele se concentrou em examinar mais de perto as formas como o modo de produção capitalista se desenvolvia em diferentes contextos e períodos. Por exemplo, Marx estava particularmente interessado no desenvolvimento das sociedades por ações e no impacto da construção de ferrovias na economia. Segundo ele, as ferrovias haviam impulsionado a concentração de capital de uma forma nunca antes imaginada, especialmente em países onde o capitalismo ainda estava subdesenvolvido.

O mesmo ocorreu com os empréstimos de capital, que se tornaram uma atividade cosmopolita, rapidamente envolvendo o mundo inteiro e criando uma rede de fraudes financeiras e dívidas mútuas. Levou tempo para que Marx compreendesse esses fenômenos, e ele estava muito consciente da magnitude da tarefa que tinha pela frente. Ele não apenas precisava revisar algumas partes de seus manuscritos e melhorar seu conteúdo, mas também enfrentava uma tarefa ainda mais urgente: resolver os problemas teóricos que permaneciam sem solução. Somente a energia que ele tinha na década de 1850, quando escreveu os *Grundrisse* (e os estudos relacionados às teorias da mais-valia), teria permitido que ele realizasse essa nova e gigantesca tarefa que ele próprio havia se imposto.

Entrevistador: *Uma das questões centrais dos dois anos que você descreve em seu livro é a da Rússia e, de forma mais ampla, o vínculo entre capitalismo e socialismo. Com a famosa carta a Vera Zassoulitch de 1881, Marx deixa de ser eurocêntrico? E, a partir de então, Engels não conseguiu compreender esse movimento dentro do pensamento de Marx?*

Marcello Musto: A partir de 1870, após aprender a ler russo, Marx iniciou um estudo sério sobre as mudanças socioeconômicas que estavam ocorrendo na Rússia. Foi assim que ele conheceu o trabalho de **Nikolay Chernyshevsky**, figura principal do “populismo” russo (na época, esse termo tinha uma conotação de esquerda e anticapitalista). Ao estudar essa obra, Marx descobriu ideias originais sobre a possibilidade de que, em algumas partes do mundo, o desenvolvimento econômico pudesse ocorrer sem precisar necessariamente passar pelo modo de produção capitalista — e todas as suas terríveis consequências para a classe trabalhadora na Europa Ocidental.

Chernyshevsky escreveu que nem todos os fenômenos sociais precisavam, necessariamente, seguir todas as etapas lógicas do desenvolvimento social na prática. Consequentemente, as características positivas da comuna rural russa (*obchtchina*) deveriam ser preservadas, mas só poderiam garantir o bem-estar das massas camponesas se fossem inseridas em um contexto produtivo diferente. A *obchtchina* só poderia contribuir para uma etapa inicial da emancipação social se se tornasse o embrião de uma nova organização social radicalmente diferente. Sem as descobertas científicas e as inovações tecnológicas associadas ao surgimento do capitalismo, a *obchtchina* nunca poderia se transformar em uma experiência moderna de cooperação agrícola, um elemento relevante para uma futura sociedade socialista.

Quando **Vera Zassoulitch** perguntou a Marx, em 1881, se a *obchtchina* estava destinada a desaparecer ou se poderia se transformar em uma forma socialista de produção, Marx defendeu um ponto de vista crítico sobre o processo de transição das formas comunais do passado para o capitalismo. Ele não acreditava que o capitalismo fosse um passo necessário para a Rússia. Marx não acreditava que a *obchtchina* estivesse condenada a seguir o mesmo destino que as terras comunais do mesmo tipo na Europa Ocidental nos séculos anteriores, onde a transformação de uma sociedade baseada na propriedade comum para uma sociedade baseada na propriedade privada ocorreu de forma mais ou menos uniforme. Portanto, a acusação de eurocentrismo (um dos principais argumentos de quem hoje se opõe ao “retorno de Marx”) não se sustenta. As interpretações unilaterais e superficiais de Marx, como as de **Edward Said**, foram desmontadas por pesquisas mais rigorosas realizadas nos últimos quinze anos.

Quanto a **Engels**, acredito que, no final de sua vida, ele se tornou excessivamente passivo na aceitação do curso da história (e caiu na ilusão de sua suposta tendência progressista). A dúvida de Marx foi substituída pela convicção de que, mesmo em um país como a Rússia, o capitalismo era um passo indispensável no desenvolvimento econômico. É claro que a Rússia

estava mudando muito e rapidamente. Afinal, foi também por isso que Marx foi muito cauteloso em sua resposta a **Zassoulitch** e decidiu publicar apenas uma pequena parte dessa carta. Não é preciso dizer que a Rússia do início da década de 1880 não pode ser comparada ao que ela se tornou na época de **Lenin**.

Entrevistador: *Em seu último livro, o pesquisador japonês Kohei Saito, que também o cita, defende a ideia de um “corte epistemológico” na obra de Marx após a publicação, em 1867, do volume I de *O Capital*. Um corte que mudaria completamente sua visão do socialismo. Você concorda com essa ideia?*

Marcello Musto: Não, eu discordo. Sempre fui cético em relação às interpretações à la **Louis Althusser**, nas quais os imaginários “cortes” dividiriam a obra de Marx em várias partes. Não existem dois ou três Marx, mas sim um único autor — muito rigoroso e autocrítico — que desenvolve constantemente suas ideias. A abertura teórica do “último” Marx, que o leva a considerar outros caminhos para o socialismo, não deve ser confundida com uma mudança drástica em relação aos seus escritos anteriores.

No passado, autores como **Haruki Wada**, **Enrique Dussel** e outros defenderam uma leitura supostamente “terceiromundista” do último Marx, sugerindo até que, a partir de determinado momento, para ele, o sujeito revolucionário deixou de ser o trabalhador fabril para se tornar as massas camponesas e periféricas.

Marx certamente estava mais atento às especificidades históricas e às divergências no desenvolvimento econômico e político em diferentes contextos nacionais e sociais, e é por isso que ele continua sendo muito útil para compreender o chamado “Sul Global”. No entanto, as ideias de Marx sempre estiveram em total oposição às de pessoas como **Alexander Herzen** [1812-1870], outro pensador populista russo que defendia um socialismo baseado em pequenas comunas independentes formadas por indivíduos livres unidos pelo panslavismo — ed.], para citar apenas um exemplo. A possibilidade de uma revolução na Rússia não poderia se inscrever no panslavismo, levando em conta tanto as formas necessárias de conquista do poder político quanto as condições indispensáveis para o nascimento de uma sociedade pós-capitalista.

Entrevistador: *Parece-nos fundamental esta sua recusa em relação às teses da ruptura na evolução do pensamento de Marx, aquela que opõe a obra dita científica de “O Capital” às suas obras de juventude ou ainda aquelas que ressaltam o humanismo nos primeiros trabalhos de Marx como se “O Capital” não revelasse também explicitamente uma crítica radical de inspiração humanista à dinâmica do capitalismo. Esta recusa lhe levaria a pensar em uma unidade de sentido na obra de Marx em meio a um processo contínuo de elaboração e aprofundamento de seus conceitos críticos do capitalismo?*

Marcello Musto: Trata-se da velha polêmica ligada ao bem-sucedido livro *Pour Marx*, de Louis Althusser, e ao conceito, por ele tomado do filósofo francês Gaston Bachelard, de *rupture épistémologique* (ruptura epistemológica). Mesmo após as numerosas críticas recebidas, Althusser permaneceu convicto da existência de “dois Marx”, o Marx jovem-filosófico e o Marx maduro-científico. No artigo *Resposta a John Lewis*, publicado em 1972 na revista inglesa *Marxism Today*, ele admitiu alguns erros contidos em *Pour Marx*, mas reafirmou a ideia de que a elaboração teórica de Marx havia sido dividida por um ponto de separação:

‘Se se considera o conjunto da obra de Marx, não há dúvida de que existe uma “ruptura” ou um “corte” a partir de 1845. O próprio Marx o diz. [...] Toda a obra de Marx demonstra isso. [...] A “ruptura epistemológica” é um ponto sem retorno. [...] É verdade que ele utiliza o termo alienação em várias ocasiões. Mas tudo isso desaparece completamente nos últimos textos de Marx e em Lenin: completamente’.

Na realidade, a alienação constituiu, não só nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, mas também em *O Capital* e em seus manuscritos preparatórios, um importante conceito teórico para descrever criticamente as características do trabalho e das relações sociais na realidade econômico-produtiva capitalista. Além disso, ao contrário do que afirmou Althusser, Marx nunca escreveu, nem insinuou, a presença de qualquer “ruptura” dentro de sua obra. Muito menos é pensável estabelecer uma espécie de continuidade teórica e política entre o pensamento de Marx e o de Lenin, como avançado pelo filósofo francês, e usar como prova da suposta “ruptura epistemológica” de Marx a falta de tratamento do tema da alienação por Lenin.

O cerne da questão não é negar as enormes transformações ocorridas no pensamento de Marx (o mesmo pode ser dito para muitos outros autores) ao longo de sua maturação e após a chegada à economia política, mas, sim, ter teorizado a existência de uma cisão rígida, como consequência da qual os *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 e os outros escritos anteriores a *A Ideologia Alemã* foram considerados estranhos ao marxismo e não parte integrante do seu desenvolvimento.

Entrevistador: Qual pode ser a importância da descoberta dos últimos anos de Marx para o legado de seu pensamento nos dias de hoje? Por que, mesmo inacabado, ele ainda é um pensamento crucial para compreender nosso tempo?

Marcello Musto: Durante esse período, Marx aprofundou muitas outras questões que, no passado, foram subestimadas ou até ignoradas pelos pesquisadores, mas que são de importância crucial para a agenda política atual.

A importância que Marx atribuiu à questão ecológica está no centro de alguns dos principais estudos dedicados à sua obra nas últimas duas décadas. Em diversas ocasiões, ele denunciou o fato de que a expansão do modo de produção capitalista não apenas intensificava a exploração da classe trabalhadora, mas também promovia o saque dos recursos naturais. Em *O Capital*, Marx observa que, quando o proletariado estabelecer um modo de produção comunista, a propriedade privada do planeta por indivíduos parecerá tão absurda quanto a propriedade privada de seres humanos por outros seres humanos.

Marx também se interessou muito pela questão da migração e, entre suas últimas anotações, há escritos sobre o **pogrom** ocorrido em **São Francisco** em 1877 contra imigrantes chineses. Marx enfrentou os demagogos antichineses que afirmavam que os imigrantes “iriam matar de fome os proletários brancos” e se opôs àqueles que tentavam impor posições xenófobas à classe trabalhadora. Pelo contrário, Marx demonstrou que o deslocamento forçado do trabalho, promovido pelo capitalismo, era um elemento essencial da exploração burguesa e que a chave para combatê-lo estava na solidariedade de classe entre os trabalhadores, independentemente de suas origens e sem distinção entre trabalho local e “importado”.

Poderia continuar com muitos outros exemplos sobre a crítica ao nacionalismo, a liberdade individual na esfera econômica e também a emancipação de gênero.

Marx ainda tem muito a nos ensinar, e a última fase de sua vida intelectual nos ajuda a compreender o quanto ele é indispensável para repensar uma alternativa ao capitalismo — algo que é ainda mais urgente hoje do que na sua época.

Entrevistador: *Como interpretar este inacabamento de “O Capital”, no sentido da recusa tanto à sua leitura dogmática como à sua denegação enquanto uma obra crítica de uma sociedade capitalista histórica, típica do século XIX, e que já ficou para trás? Quais seriam, na sua opinião, em um sentido geral, as principais linhas de atualização desta obra que continua sendo certamente uma referência fundamental da crítica ao capitalismo enquanto civilização?*

Marcello Musto: O Capital tornou-se um projeto teórico tão grande que pode ser considerado quase impossível para um único ser humano. O espírito crítico com o qual Marx compôs sua obra-prima revela o quão distante ele estava do autor dogmático que muitos de seus adversários e autoprovocados discípulos apresentaram ao mundo. Embora tenha permanecido inacabada, aqueles que hoje desejam utilizar conceitos teóricos essenciais para a crítica ao modo de produção capitalista ainda não podem prescindir da leitura de O Capital de Marx.

Entrevistador: *Em um apêndice do seu livro O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883) [Boitempo, 2018] está documentada a participação decisiva de Marx na redação do Programa da Federação do Partido dos Trabalhadores Socialistas da França, junto a Paul Lafargue. Nele se defende que a classe trabalhadora devia lutar contra todo tipo de discriminação, particular a racial e a de gênero, e dedicar-se a por fim à subordinação das mulheres em relação aos homens. Como esta crítica à dominação patriarcal, em sua opinião, aparece na obra de Marx?*

Marcello Musto: Não é verdade, como se lê frequentemente, que Marx fosse indiferente a esse tema. Embora, em algumas ocasiões – como, por exemplo, em relação ao trabalho feminino nas fábricas – tenha manifestado uma visão da sociedade própria das ideias de sua época, Marx e Engels aprenderam, desde jovens, com os livros dos primeiros socialistas franceses, em particular de Charles Fourier, que “o nível de emancipação geral de uma sociedade depende do nível de emancipação das mulheres”. A atenção deles a essa questão pode ser observada em vários escritos, entre os quais se destacam os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx de 1844, *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels, *Os Princípios do Comunismo* de Engels e *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels.

No *Programa Eleitoral dos Trabalhadores Socialistas*, redigido em 1880 com Jules Guesde e Paul Lafargue, encontra-se claramente argumentado que a classe trabalhadora deveria lutar contra todo tipo de discriminação e empenhar-se para por fim à subordinação das mulheres em relação aos homens: “a emancipação da classe produtiva é a de todos os seres humanos, sem distinção de sexo e de raça”. Além disso, anuncia-se que o proletariado lutava pela “igualdade de salário para o mesmo trabalho entre trabalhadores de ambos os sexos”. Não obstante, foi Jenny von Westphalen quem, em uma carta a Wilhelm Liebknecht de 1872, representou a condição feminina da época – e explicou como as diferenças de gênero pesavam também na batalha pelo socialismo – melhor do que o marido Marx e o amigo Engels: “A nós mulheres cabe a parte mais dura, porque a mais mesquinha. O homem se tempera na luta contra o mundo exterior, se tempera cara a cara com os inimigos, enquanto nós – sejam os inimigos até uma legião – temos que ficar fechadas em casa a remendar meias. Isso não afasta as preocupações e as pequenas misérias cotidianas consomem, lentamente, mas de maneira implacável, a força e a alegria de viver”.